

Mensagens aos Avós

Meus distantes mas presentes avós

Débora Bahia T. da Silva*

Meus familiares, paternos e maternos, não são de Ilhéus (cidade onde sempre morei). Por conta disso, não pude conhecer o cotidiano da vida de meus avós. Os paternos moravam em Teixeira de Freitas, os maternos moravam em Itacaré, onde, quase sempre, passava as festividades de fim de ano.

De meus avós paternos, mesmo com a convivência limitada pela distância, tenho maravilhosas lembranças. Com eles, aprendi a cultivar o sentimento de gratidão e simplicidade, tornando-me uma pessoa bem melhor, simples em relação às coisas da vida, especialmente em relação ao consumismo.

Meu avô João cantava para mim, entre outras cantigas, uma que dizia assim: “[...] o castelo pegou fogo, São Francisco deu sinal [...]”; para essas cantigas, quase sempre estava sentada em seu colo. No quintal da sua casa, na-

quele tempo, tinha muita vegetação, o que facilitava as aventuras dos netos.

A sua casa era bem humilde, com paredes em madeira, e eu gostava muito de sentir aquele aroma de cidade interiorana. Eu me sentia muito amada por esses avós. Eles tinham por mim um carinho especial porque eu era franzina e eles me protegiam das “atrocidades” de minha prima, bem mais forte que eu.

Já meus avós maternos eram um pouco distantes em relação à aproximação carinhosa com os netos. Pedir a bênção é, até hoje, a forma de nos aproximarmos deles. No entanto, quando se tratava dos namoros, a marcação era severa e firme. Minha avó não podia ver menino algum na porta que logo me chamava para dentro de casa.

Interessante é que, apesar dessa rigidez, ainda conservamos o respeito e carinho pelos meus avós.

“Bênção, vó!”

“Deus te abençoe, minha filha!”

* Estudante de Pedagogia, 25 anos.

Minha relação com meus avós

Alessandra Machado*

Falar dos meus avós é (re)viver instantes fantásticos, com nostalgia.

Começarei falando da minha avó Maria: ela era uma descendente dos índios da tribo de Olivença, tinha os cabelos que ultrapassava as nádegas. Apesar de quando ela morreu eu ser ainda muito pequena, tinha uns cinco anos mais ou menos, eu vivi momentos intensos.

Quando eu ia para a casa dela, adorava ir para a cozinha. Eu e meu irmão sentávamos num tronco de madeira que tinha lá, a casa era de taipa e o chão de terra batida, eu amava comer a comida especial de minha avó: farofa de água fria e carne assada na brasa. Na cozinha, eu a via cozinhando, e por muito tempo acreditei que o café era feito de pedaços de estacas finas que ela quebrava da cerca do quintal de sua casa, dizendo para mim que assim é que fazia café; só muito tempo depois descobri que as estacas eram para manter o fogo do seu fogareiro e não eram café.

Eu lembro dela com meu irmão

Adriano, dançando no meio da casa com seu vestido de campo branco e bolas coloridas, como dizia ela; dela me dizendo que a gente era porco, comia e melava a boca, e ela, não; lembro também que eu dormia com meu irmão para dar minha cama para ela, principalmente quando ela ficou doente. Vó morreu e eu não entendi muito o que aconteceu.

Com a minha avó paterna, a vó Dalva, eu não convivi muito, por conta de morarmos distantes e de existirem situações conflituosas entre ela e minha mãe. Mas eu aprendi a rezar com ela o Pai Nosso, a Ave-Maria, só não consegui a Salve-Rainha. De vó Dalva eu lembro que ela fazia xixi em pé e eu perguntava por que ela não se abaixava. Em uma relação extra conjugal, meu pai teve um filho que ela amava muito e fazia todas as suas vontades; o amor que ela tinha por ele ficou registrado em mim.

Com o meu avô paterno, vô Zé Alves, não me lembro de viver coisas

* Estudante de Pedagogia.

boas, mas eu gostava dele, cuidei dele quando ficou doente e briguei com ele quando humilhou minha mãe.

Eu senti muito quando ele morreu, apesar de ele, por influência ou não de outras pessoas, me tratar com indiferença, às vezes.

Já com meu avô Vicente era outra realidade; quando ele morava na roça e vinha nos visitar, era maravilhoso ouvi-lo contar as histórias de lá; do curisco que caiu e partiu uma árvore, de como ele ficou meio surdo quando, ainda adolescente, em um mergulho no rio, ele foi surpreendido por uma bomba de pes-

car peixe que estourou. Eu vivia lhe pedindo um mico, mas ele nunca me deu. Quando ele veio morar em Ilhéus, eu morria de rir dele contando dos outros aposentados na fila da aposentadoria, dos quais ele mangava, dizendo que ele era o melhor daqueles. Eu ria e achava muito divertido, não tinha noção. Ele dizia que quando morresse iria para o cemitério que ficava em outro bairro, porém em frente à casa dele; por ironia do destino, ou não, ele foi enterrado embaixo de uma árvore em frente de sua casa, que hoje é minha, que ele me deixou como herança...

O que é, sem ter sido

Sulamita Teles*

É muito bom quando os netos têm o privilégio de conhecer e conviver com os avós, pois, inegavelmente, há uma troca de experiências importantes, ainda não devidamente considerada, em que ambos aprendem, dentre outras coisas, a respeitar as diferenças e a época de cada um.

Seria muito gratificante para os avós verem seus netos reproduzindo aquilo de bom que foi passado para eles, avós, a exemplo de brincadeiras, cantigas, brinquedos, histórias, e até mesmo os conselhos que, sem dúvida, fazem parte da relação e é preocupação dos avós alertar os netos sobre os perigos que a vida tem, e como fazer para não se prejudicar nessa trajetória. Da mesma forma, deve ser gratificante para os netos poderem,

por exemplo, se conhecerem melhor, através da memória dos avós, recuperando a história da própria família, as suas raízes, ou ouvir as experiências de vida dos avós, que também foram jovens como os netos.

Não tive a oportunidade de conviver com meus avós; conheci-os apenas em fotografia. E estou certa de que isto interferiu fortemente na minha formação. Às vezes tenho uma certa “inveja” quando vejo netos e avós se relacionando bem; gostaria de sentir esse mesmo prazer. Da mesma forma, sinto-me indignada quando vejo ou escuto netos que não gostam dos avós, realçando neles apenas os defeitos, como exigência e chatice, como se fossem pessoas sem quaisquer qualidades.

* Jovem, 22 anos.

Minha avó

Maria Luiza Souza de Andrade*

Olá!

Meu nome é Maria Luiza. Tenho onze anos e vou falar um pouco sobre a minha avó. Ela é muito legal - brincalhona, extrovertida e... um pouco séria.

Às vezes discutimos, pois nossas opiniões, em alguns assuntos, é muuuuito diferente; mas, fora isso, tudo é festa. Ela me faz muitas coisas boas, como doce de jenipapo, doce de leite e outras

coisas mais.

Ela tem 63 anos e eu 11. Com certeza, já viveu mais que eu. Ela me conta várias partes da vida dela (às vezes não acredito que isso ou aquilo vai dar certo e teimo com ela; resultado, quebro a cara sempre); então, ela me previne de coisas ruins que já viveu e não quer que eu viva.

Então, no fim de tudo, ela é:

Super,

Hiper,

Mega,

Power,

Big

LEGAL!

Bjôo

Ma. Luiza

* Aluna da sexta série da Escola Adventista de Itabuna, Bahia.